

# A despersonalização do lar: o não-lugar como objeto de consumo da pós-modernidade

## *The dispersonification of home: the non-place as an object of consumption of postmodernity*

Wisgner Roriz Damiano<sup>1</sup>  
Ursula Betina Diesel<sup>2</sup>

### Resumo

O presente artigo busca discutir a representação da moradia na pós-modernidade. Utilizando como ponto principal o conceito de não-lugar, difundido pelo etnólogo francês Marc Augé, o estudo visa compreender o papel da “casa” para o sujeito pós-moderno. Muitas pessoas vêm optando por morar em condomínios pré-elaborados e *apart-hotéis*, o que representaria uma despersonalização do próprio lar; a moradia passa a ser estadia. Porém, analisando toda a evolução da arquitetura e urbanismo das grandes cidades, e fazendo-se valer da história da hotelaria e questões de hospitalidade, nota-se que não existe, necessariamente, uma ruptura na forma de pensar sobre o “lar”, apenas uma mudança natural sobre seu ponto de vista. Na era do Capitalismo Tardio, o sujeito pós-moderno é consumidor por natureza; um consumidor do espaço.

**Palavras-chave:** Não-lugar. Pós-modernidade. Consumidor do espaço. Hotel.

### Abstract

This article discusses the representation of housing in post-modernity. Using as its focal point the concept of non-place, released by the French ethnologist Marc Augé, the study aims to understand the role of “home” for the postmodern subject. Many people are choosing to live in pre-built condominiums and apart-hotels, represent a dispersonification of their own home; the housing becomes an abode. However, analyzing the entire evolution of architecture and urbanism of the big cities, and by using the history of the hotel and hospitality issues, we note that there isn't necessarily a breakthrough in how we think about 'home', only a natural change on its point of view. In the era of late capitalism, the postmodern subject is consumer in nature, a consumer of the space.

**Keywords:** Non-places. Postmodernity. Consumer of space. Hotel.

<sup>1</sup> Graduando em Comunicação Social com habilitação em Marketing pelo UniCEUB. Endereço eletrônico: wisgner@gmail.com

<sup>2</sup> Mestre em Comunicação Social, com enfoque em Semiótica. Professora no curso de Comunicação Social do UniCEUB. Endereço eletrônico: ursuladiesel@gmail.com

## 1 Introdução

A pós-modernidade, por si só, é um tema de vasta amplitude e relativamente carente de estudos. Esse período iniciado no fim do século XX tem, talvez, como maior representante de seu estilo, o “momento”. Não há o que se preocupar com o futuro, não se quer pensar no passado, tudo se resume ao agora. E o “agora” dura muitíssimo pouco. Informações surgem à nossa volta de forma simultânea, ininterrupta e multissensorial. A cultura de consumo toma conta da sociedade e leva o indivíduo à condição de consumidor.

Nesse contexto de capitalismo tardio, as ofertas são infinitas, e o indivíduo-consumidor confia na liberdade de escolhas, sua prova maior de personalidade própria; sua essência. Dicotomicamente, é nesse ponto que surgem as tendências e imitações. O pós-moderno se entrega ao modismo como autoafirmação. É seguindo uma linha comportamental que ele se encontra no meio da multidão e deixa de ser apenas mais um, tornando-se parte integrante de um grupo. Passa a existir um ideal. A roupa que você usa, o carro que você dirige, os lugares que frequenta, tudo é sinal de quem é você.

No século XXI, quando humanos e máquinas praticamente dividem a calçada e o tempo se torna o maior elemento de luxo, tudo é superficial: a beleza é referência, os amores são momentâneos, o dinheiro é de plástico e o patrimônio é alugado. A maior referência de sujeito singular, provido de alma e particularidades – e aqui excluo o conceito de família, pois este, inevitavelmente, voltaria a representar um grupo –, é a moradia. O “lar, doce lar!” Apesar da loucura do dia a dia, a pessoa volta para seu retiro e é ali que volta a ser, essencialmente, um ser diferenciado dos demais.

Todavia, vem se percebendo uma forte tendência de se optar por morar em *apart-hotéis*. Depois do êxodo rural e urbano, vemo-nos frente a um “êxodo *intuitu personae*”, no qual a pessoa, aparentemente, busca o afastamento de si própria. Ao optar por morar em um não-lugar, o indivíduo tacitamente abre mão de sua personalidade. O conceito de “não-lugar”, abordado principalmente por Marc Augé em seu livro original de 1992, diz respeito exatamente a lugares desprovidos de essência, tais como aeroportos, hotéis, *shopping centers* etc. Não importa o país em que se encontra, a respectiva língua oficial, a cultura local, nada influi com peso a rotina desses lugares.

A questão levantada neste artigo, entretanto, é que o conceito de não-lugar já está, como um todo, infiltrado nas cidades. Na pós-modernidade, a própria arquitetura, em especial no que diz respeito ao urbanismo, e a dinâmica dos grandes centros urbanos já vivem sob as influências desse capitalismo tardio. A busca pela moradia em hotéis não deve representar uma ruptura no conceito de moradia, e sim, talvez, uma evolução natural desse conceito. O cidadão contemporâneo deixa cada vez mais as amarras de lado e passa a ser um consumidor do espaço.

Este trabalho passa por quatro pontos principais. Primeiro, por dois conceitos que embasam todo o pensamento do autor: Pós-modernidade e Não-lugar. Em seguida, uma introdução sobre Hotelaria e um pequeno estudo sobre a Arquitetura e Urbanismo Moderno. Para fechar as ideias aqui levantadas, o artigo termina com uma discussão sobre o modo de vida atual: O sujeito pós-moderno habitando o não-lugar.

## 2 Pós-modernidade

Antes de falarmos sobre a pós-modernidade, vamos entender a modernidade. A maior ruptura pode ser representada pela célebre frase de Nietzsche em seu livro *Assim Falou Zaratustra*, de 1885: “Deus está morto! E quem o matou fomos nós!”. Antes da modernidade, Deus representava começo, meio e fim de tudo; com o modernismo, passou-se a separar vida terrena e vida espiritual. Essa ainda comandada por um Senhor único e onipotente, mas aquela, agora, seguia as regras dos homens. O homem moderno matou Deus! A partir desse período é a razão que lidera os pensamentos e o homem passa a se enxergar como um ser capaz de alterar o que está a sua volta.

A relação entre os indivíduos também foi alvo de grandes mudanças. Pensadores como Emile Durkheim, Karl Marx e Max Weber, cada um a seu modo, apresentaram novas tendências do comportamento social. Charles Baudelaire (1843) conceitua como *flâneur* esse indivíduo que não se preocupa, senão com o momento que se passa a sua volta. “*Laissez faire, laissez passer*” – célebre jargão francês datado do século XVIII. A única certeza era o progresso, não há, aqui, a necessidade de tentar entender o universo ao redor.

Podemos concluir que a modernidade foi um período marcado pela despreocupação com a forma: quebra-

se o paradigma de que todas as coisas seguem um formato definido e engavetar-se-ão em um estereótipo por consequência. Com o final do século XX, finda também o modernismo. Para alguns autores, o pós-modernismo é a continuação natural do modernismo, agregando a ele valores de vanguarda. Já a maioria dos estudiosos acredita em uma ruptura tão dramática quanto a imposta por seu antecedente. Todavia, se no modernismo começa-se a viver o “caos”, no pós-modernismo temos nele a sua essência.

O progresso não é mais certo. Aliás, quaisquer certezas se apagam. Nem se pensa no contrário, em uma espécie de anarquia social. Apenas não existe padrão algum. Vários estudiosos da cultura pós-moderna definem que a sua característica é a de ser uma sociedade-cultura de consumo, que reduz o indivíduo à condição de consumidor como consequência da automatização do sistema de produção. As novas formas referentes ao consumo estão relacionadas com os meios de comunicação, com a alta tecnologia, com as indústrias da informação e com as maneiras de ser e de ter do homem pós-moderno. Na pós-modernidade, até a “cultura” se tornou um produto.

Uma forte presença, paradoxalmente, é a imitação. Fredric Jameson (1985, p. 4) traduz esse conceito:

[...] no mundo em que a inovação estilística não é mais possível, tudo o que restou é imitar estilos mortos, falar através de máscaras e com as vozes dos estilos do museu imaginário. Mas isto significa que a arte pós-moderna ou contemporânea deverá ser arte sobre arte de um novo modo; mais ainda, isto significa que uma de suas mensagens essenciais implicará necessariamente a falência da estética e da arte, a falência do novo, o encarceramento no passado.

Nessa dimensão de total perda de valores, é difícil definir o valor da pós-modernidade. Voltando a Jameson (1985), ele resume que é mais seguro entender o conceito do pós-moderno como uma tentativa de pensar historicamente o presente em uma época que não sabe mais como pensar dessa forma. Nessas condições, o conceito ou exprime um irreprimível impulso histórico mais profundo ou efetivamente o reprime e o desvia, dependendo de que lado nos colocamos. Pode ser que o pós-modernismo acabe sendo não muito mais do que a teorização de sua própria condição de possibilidade, o que consiste, primordialmente, em uma mera enumeração de mudanças e modificações (JAMESON, 1997).

A verdade é que, no pós-modernismo, tudo é insustentável. As coisas são superficiais e não se tem tempo para

mais nada. Aliás, existe uma verdadeira repulsa a tudo que for de longa duração. Se o “belo” sempre teve espaço relevante em outros períodos históricos, na pós-modernidade a estética ganha destaque, pois já não há tempo ou interesse de se aprofundar. Vivemos em esquizofrenia, haja vista a multiplicidade de realidades dentro de um mesmo momento. Temos na heterogeneidade uma marca forte do nosso período. A ansiedade toma o lugar do afeto.

Beatriz Sarlo (2006, p. 9), crítica literária e cultural, explica:

[...] quase todo o Ocidente vive numa crescente homogeneização cultural, onde a pluralidade de ofertas não compensa a pobreza de ideais coletivos, e cujo traço básico é, ao mesmo tempo, o extremo individualismo. Esse traço se evidencia na chamada “cultura jovem” tal como definida pelo mercado, e num imaginário social habitado por dois fantasmas: a liberdade de escolha sem limites como afirmação abstrata da individualidade e o individualismo programado. As contradições desse imaginário são as da condição pós-moderna realmente existente: a reprodução clônica de necessidades no afã de que satisfazê-las é um ato de liberdade e diferenciação. Se todas as sociedades têm se caracterizado pela reprodução de desejos, mitos e condutas, esta sociedade o faz com a idéia de que a reprodução em pauta é um exercício da autonomia dos sujeitos.

### 3 Não-lugares

Marc Augé é um etnólogo francês, coordenador da École de Hautes Études em Sciences Sociales (EHESS), e o criador de um conceito muito importante para a Sociologia: o não-lugar. Augé é grande estudioso da pós-modernidade – apesar de preferir o termo “Supermodernidade” – e define em seu livro, *Não-Lugares: Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade*, o não-lugar como o oposto do lugar antropológico, conhecido por sua tradição fundada na ideia de totalidade; espaço comum ao antropólogo e ao nativo. O “lugar antropológico” foi primeiro pensado por Marcel Mauss, no artigo *Relações reais e práticas entre a psicologia e a sociologia*, de 1924, em uma série de estudos realizados em parceria com Émile Durkheim, e depois seguido por Lévi-Strauss e todos os seus sucessores (MARTINS, 2005, p. 47).

Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não se pode definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar. A hipótese aqui defendida é a de que a supermodernidade é produtora de não-

lugares, isto é, de espaços que não são em si lugares antropológicos e que, contrariamente à modernidade baudelairiana, não integram os lugares antigos [...]. O lugar e o não-lugar são, antes, polaridades fugidias: o primeiro nunca é completamente apagado e o segundo nunca se realiza totalmente (AUGÉ, 1999, p. 73-74).

Em seu livro *O Sentido Dos Outros*, originalmente lançado dois anos após *Não-lugares*, Augé volta a conceituar o “lugar antropológico”. Diz que “O lugar antropológico é definido primeiramente como o lugar do “em casa”” (AUGÉ, 1999, p. 134). Sabendo-se que o livro foi escrito posteriormente, pelo mesmo autor, ao livro onde ele diz que não-lugares é o oposto de lugares antropológicos, podemos subtrair que Não-lugar seria definido, em sua essência, como o oposto ao lugar do “em casa”, segundo as palavras do escritor. Ou seja, não-lugar seria exatamente o lugar que não pertence a ninguém, que não diz respeito a ninguém.

Se buscarmos no Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, teremos algumas definições “senso-comum” de *lugar*, dentre as quais: “Parte delimitada de um espaço”; “local onde se está ou se deveria estar”; “local frequentado por certa classe de pessoas”; “espaço livre”; “disposição ou posição das coisas nos espaços que lhe são reservados”; “espaço que uma pessoa pode ocupar”. Continuando a pesquisa – já que o dicionário não traz a palavra *Não-lugar* –, temos duas conceituações de *não*: “Expressa negação” e “negativa enfática”. (HOUAISS, 2001)

Em resumo, os ‘não-lugares’ são desprovidos de personalidade, de história. Seus ocupantes não se diferem, sendo apenas parte do conjunto de pessoas que transitam por seu espaço. Os maiores exemplos de não-lugares são os hotéis, aeroportos, rodoviárias, parques de lazer, dentre outros. Lugares reconhecidos em qualquer parte do mundo, independente do país em que se encontram ou da língua local. Quem os frequenta não altera seu funcionamento, não cria vínculo com ele e não produz nenhuma história. Da mesma forma, não é, em momento algum, reconhecido com singularidade. Os não-lugares não só não apresentam personalidade própria, como despersonificam seus frequentadores.

#### 4 Urbanismo e Arquitetura moderna

A história do urbanismo mudou drasticamente após a Revolução Industrial. Com o surgimento de gran-

des fábricas e do processo de industrialização, houve uma migração da população das áreas rurais para centros urbanos. Os locais de concentração das indústrias tornaram-se centros de aglomerados humanos em rápido desenvolvimento, ou mesmo, surgindo ao lado das cidades existentes, provocando um aumento desmesurado em sua população. Calcula-se que, no princípio da Revolução Industrial, cerca de um quinto da população inglesa vivia em cidades e quatro quintos no campo; por volta de 1830, a população urbana é quase igual à rural, enquanto que, em nossos dias, a proporção foi invertida, e os quatro quintos dos ingleses vivem na cidade. (BENEVOLO, 1998).

Com esse grande e repentino êxodo, o planejamento dos centros urbanos teve que ser repensado e passou, pouco a pouco, a ser regulado por entidades especializadas. Em 1835, foram instituídas as administrações municipais, em lugar das antigas instituições feudais; cada cidade é então provida de uma autoridade democrática, à qual incumbem todas as intervenções públicas nos assuntos de construção, viabilidade, melhoramentos urbanos e, como consequência, a planificação em termos reais. (BENEVOLO, 1998).

Essa reestruturação – e normatização – da cidade representou o passo inicial para o processo de igualação dos espaços urbanos. Pulemos os anos que sucederam essa primeira transformação e passemos a pensar na cidade contemporânea, na pós-modernidade. Diane Ghirardo (2002, p. 1-2) nos contextualiza:

O período posterior a 1965 abriu caminho para uma abordagem da arquitetura que veio a ser conhecida como pós-modernismo, de início nos Estados Unidos e depois em todo o mundo industrializado. O pós-modernismo é um conceito diversificado e instável que tem denotado abordagens estéticas específicas na crítica literária, na arte, no cinema, no teatro e na arquitetura, sem falar na moda e nos conflitos armados.

No domínio da filosofia e da ciência política, o pós-modernismo também pode remeter à epistemologia ou a modos determinados de reflexão e conhecimento, ou mesmo a caracterizações específicas da economia política e das condições sociais do final do século XX. O fato de ser uma categoria instável é uma de suas características inerentes em estética e epistemologia, uma vez que os teóricos do pós-modernismo lhe atribuíram a rejeição da possibilidade de unidade de forma ou ideologia. A definição do significado de pós-modernismo varia entre os campos e até entre os autores. Na arquitetura, suas conotações mudaram consideravelmente entre 1970 e 1995. (...). Na arquitetura, em ge-

ral, o pós-modernismo é compreendido como fenômeno estilístico

Já o arquiteto Jan Cejka diz que a pós-modernidade não é apenas um estilo homogêneo, em relação aos estilos passados. Afirma que se trata, na verdade, de um coletivo que engloba várias tendências que, nos anos de 1970, romperam radicalmente com a “Modernidade Comercializada”. A arquitetura moderna distinguia-se pela qualidade visual, medidas perfeitas, singularidade e contraste com a arquitetura existente no horizonte. Explica por meio de tendências estilísticas, célebres arquitetos e suas respectivas obras, que a arquitetura e o urbanismo chegaram a uma congruência inerente da pós-modernidade. As cidades hoje se apresentam indistintas entre si. “*Pero cuando ya llebana las ciudades, esto se acabó. Para esta arquitectura que en todas partes se parecía, se encontró la denominación **Internacional Style**: Estilo Internacional*” (CEJKA, 1999, p. 24).

Para Josep Maria, este movimento dos anos de 1970 alcançou campos muito mais amplos que a arquitetura. “Desde a proposta de um design participativo realizado com tecnologia adaptável aos países pobres, até a proposta de urbanismo de participação capaz de integrar a capacidade de intervenção dos coletivos” (MONTANER, 2001, p. 128). É uma nova aliança entre o design e a cultura material. Já começamos a perceber o que chamamos de *cidadão consumidor do espaço*. O autor acrescenta “[...] uma nova arquitetura pensada em função dos usuários e de suas possibilidades de participação nos espaços públicos e privados” (MONTANER, 2001, p. 129).

Kenneth Frampton (1997, p. 372), arquiteto, professor e forte crítico ao movimento pós-modernista na arquitetura, opina que:

[...] um princípio geral que pode caracterizar a arquitetura pós-moderna é a destruição consciente do estilo e a canibalização da forma arquitetônica, como se nenhum valor, tradicional ou de outra natureza, pudesse opor-se por muito tempo à tendência do ciclo produção/consumo. O pós-modernismo reduz a arquitetura a uma condição em que o “contrato global” feio pelo construtor/empreendedor determina a carcaça e a substância essencial da obra.

Mesmo em palavras duras, Kenneth, na verdade, não contradiz o que queremos demonstrar. A fusão de estilos trouxe para pós-modernidade um conceito de não estilo. Sabemos que ao falar de “urbanismo e arquitetura” estamos, invariavelmente, falando de “cidades”. Segundo

José Lázaro de Carvalho Santos (2005), bacharel em Urbanismo e especialista em Gestão Pública, urbanismo é um campo do conhecimento, ora considerado como ciência ora como técnica, que tem a cidade como principal objeto de estudo e intervenção. Então, o Estilo Internacional, na pós-modernidade, passa a ser sentido no simples caminhar pelas ruas de um centro urbano. Não existe mais muita diferença entre andar pelas ruas de Nova Iorque e São Paulo. Nem entre São Paulo e Paris. Nem entre Paris e Brasília. Não queremos dizer com isso que não há particularidades entre as cidades, pois essas são enormes. Mas existe uma – e talvez única, porém fundamental – identidade comum às cidades pós-modernas: são todas “Não-lugares”!

## 5 Hotelaria e hospitalidade

Para entender a “migração” para *apart-hotéis*, vamos repassar a história da hotelaria. Apesar de a Grécia Antiga apresentar os primeiros conceitos do que se entende por hotelaria, ela só foi começar realmente a tomar os moldes que se conhece hoje em dia, a partir do século XVIII. No século XV, aparece na Europa a figura do hoteleiro, que possuía prestígio entre as autoridades, pois eram donos de estabelecimentos luxuosos, que davam serviços personalizados aos seus clientes. Alguns anos depois, o serviço de alimentação, que antes só estava disponível nesses tipos de hotéis, começa a fazer parte da realidade de albergues e hospedarias, que atendiam as classes mais pobres. No século XVII, as hospedarias que contavam com cozinha de excelência, possuíam placas na porta identificando o alto padrão. “Nas hospedarias europeias foram introduzidas placas indicativas para evidenciar a boa cozinha” (CÂNDIDO; VIEIRA, 2003).

O mercado hoteleiro sofreu um grande baque com a Primeira Guerra Mundial, que teve seu início em 1914 e afetou a economia de diversos países, e, por consequência, o desenvolvimento da hotelaria. Logo após, veio a crise na Bolsa de Nova York, em 1929, seguida da Segunda Guerra Mundial. Com isso, a hotelaria só voltou a se desenvolver a partir de 1950, fortalecida pelo crescimento da aviação comercial. As primeiras redes de hotéis foram criadas e começaram a se espalhar pelo mundo, criando um padrão de atendimento que antes não existia (CÂNDIDO; VIEIRA, 2003).

Atualmente, a hotelaria adquiriu outro perfil e está cada vez mais segmentada. Existem hoje vários tipos de

hotéis com o intuito de atender às necessidades dos mais diversos clientes. Para quem quer fazer um evento, escolhe um estabelecimento que conta com estrutura para isso. Quem tem filhos, procura um *resort* com o sistema *all inclusive*. O estudante que não dispõe de dinheiro escolhe o albergue. Dessa forma, o cliente já tem ideia do serviço que está comprando e o que irá receber. Com o advento da internet, já é possível visualizar o empreendimento antes, saber todos os tipos de serviços oferecidos, efetuar a reserva *on-line*, entre outras comodidades (CÂNDIDO; VIEIRA, 2003).

Serviços que antes não existiam, como lavanderia, manobrista e *concierge*, hoje fazem parte da realidade de vários hotéis, até mesmo os menos luxuosos. O foco na qualidade do serviço nunca foi tão grande e é, por vezes, o diferencial de vários empreendimentos. Os clientes recebem todos os tipos de mimos, para que possa haver uma fidelização. Os serviços de alimentos e bebidas passaram a receber maior destaque, e hoje os melhores restaurantes do mundo se localizam dentro de hotéis, agregando valor ao negócio (CÂNDIDO; VIEIRA, 2003).

O termo “hospitalidade” decorre de uma palavra originária do Latim *hospitalitate*, que significa o ato de hospedar, a qualidade de quem é hospitaleiro. “Hospedar significa receber, acolher, abrigar e alojar” (CASTELLI, 2005, p. 6). A hospedagem está presente nos ambientes públicos, domésticos e comerciais, indo além do conceito de hotelaria. Grinover (GRINOVER 2007, p. 27), professor doutor da Universidade de São Paulo em Arquitetura e Urbanismo, defende que:

[...] o conceito de hospitalidade estende-se para além dos limites de hotéis, restaurantes, lojas ou estabelecimentos de entretenimento. Isso implica a necessidade de recorrer a análises de caráter histórico, epistemológico e empíricas das ações que são empreendidas nas áreas de hospitalidade.

A hospitalidade em sentido amplo sempre foi um assunto atual. Conforto e comodidade são primordiais. Já a hospedagem doméstica, que tinha grande importância, perdeu espaço com o passar dos anos. Atualmente não é mais tão comum receber amigos e familiares em casa, seja para oferecer abrigo, seja para realizar banquetes e reuniões. Hotéis substituem a acomodação íntima e bares e restaurantes são o destino de confraternizações. As pessoas têm cada vez menos tempo para atividades sociais e os valores de família e amizade estão mais pessoais.

## 6 Habitando o não-lugar

A cidade é o principal objeto de estudo do urbanismo. Nas últimas décadas, observou-se um crescimento surpreendente das cidades, tanto em tamanho, como em população e densidade. Após a Revolução Industrial, a sociedade tornou-se essencialmente urbana, e as cidades extrapolaram seus limites territoriais e conurbaram-se (SANTOS, 2005). Cristiane Dias, pesquisadora do Laboratório de Estudos Urbanos da Unicamp, inicia seu artigo “Habitar o não-lugar”, para a Revista Eletrônica *Com Ciência*, com a seguinte frase: “A cidade contemporânea é delineada por um espaço muito particular para o qual migram cada vez mais os sujeitos de nossa sociedade: o não-lugar, um espaço ‘inqualificável’” (DIAS, 2007).

Voltamos a Augé (1999, p. 73-74) para retomar o conceito de não-lugar e aplicá-lo aos dias atuais:

A supermodernidade é produtora de não-lugares, isto é, de espaços que não são em si lugares antropológicos [...]. Um mundo onde se nasce numa clínica e se morre num hospital, onde se multiplicam, em modalidades luxuosas ou desumanas, os pontos de trânsito e as ocupações provisórias (as cadeias de hotéis, os clubes de férias, os acampamentos de refugiados, as favelas destinadas aos desempregados ou à perenidade que apodrece), onde se desenvolve uma rede cerrada de meios de transporte que são também espaços habitados, onde o frequentador das grandes superfícies, das máquinas automáticas e dos cartões de crédito renovado com os gestos do comércio ‘em surdina’.

E vai além: “Acrescentemos que existe evidentemente o não-lugar como o lugar: ele nunca existe sob uma forma pura; lugares se recompõem nele; relações se reconstituem nele” (AUGÉ, p. 74).

Devemos então pensar em quem é o morador da pós-modernidade e onde habita esse sujeito. Cristiane Dias (2007) argumenta:

A questão ‘quem é o habitante do mundo contemporâneo?’ é fundamental para mim, uma vez que a partir dela modifica-se a noção de ‘urbano’, modifica-se o espaço urbano. A chamada ‘sociedade urbana’ agrega outros valores ao modo de vida da cidade. A cidade muda em seu espaço-tempo: com uma senha, um usuário x, numa lan house da cidade, faz compras, paga contas, acessa sua conta bancária, transfere dinheiro, declara seu imposto de renda, compra seu bilhete de avião etc. São transações econômicas que há muito pouco tempo atrás não eram possíveis senão nos “guichês”. Agora, porém, com as tecnologias da informação e comunicação, o modo de vida urbano é configurado pelo eletrônico. A própria mudança estratégica

da administração do Estado, com os e-govs, cuja implementação tem o objetivo de construir uma “sociedade mundial da informação”, é um sintoma cabal de que o espaço urbano sofre transformações importantes e que dizem respeito diretamente ao sujeito tomado como ‘usuário’, uma vez que a oferta de serviços on-line do e-gov demanda usuários.

Cristiane continua seu pensamento:

O habitante do mundo é um ‘consumidor do espaço’ com o qual mantém uma relação codificada e não simbolizada. Se, por um lado, temos o habitante consumidor do espaço, por outro lado, temos o habitante criador do espaço. Esse é o habitante consumido, para o qual a única saída gerada pela falta de espaço habitável nas grandes cidades é recompor o lugar no não-lugar. São os viadutos, as marquises, os chafarizes e os bancos das praças, as calçadas, que de passantes, passeios e tráfego, recompõem-se em quarto-e-sala (DIAS, 2007).

Deixaremos de lado os habitantes “criadores do espaço”, segundo Cristiane Dias, e tratemos dos “consumidores do espaço”. A questão a ser avaliada, neste artigo, não é a necessidade de se alojar em espaços públicos pela falta de moradia, e sim a opção de se viver em não-lugares. Estaríamos, de fato, vivendo a Era da Individualidade? Cesar Vieira, doutor em Educação pela Unimep, explica que o conceito de individualismo, tal qual se compreende em nossos dias, é uma conceituação teórica bastante recente. Data do início do século XIX, na França pós-revolucionária, significando a dissolução dos laços sociais, o abandono de obrigações e compromissos sociais pelo indivíduo. Desde então, tem sido utilizado para designar diferentes características pessoais ou sociais das sociedades modernas, seguindo as especificidades e ideologias contextuais. (VIEIRA, 2005)

De fato vivemos em uma sociedade individualista, que não quer manter vínculo com nada nem ninguém. A própria busca por apart-hotéis ratifica esse pensamento. Devemos ressaltar, todavia, que o conceito negativista sobre o individualismo é nosso, brasileiro. Roberto Damatta explica que, no Brasil, o individualismo é criado com esforço, “[...] como algo negativo e contra as leis que definem e emanam da totalidade. Nos Estados Unidos, o individualismo é positivo e o esforço tem sido para criar a unidade ou a union: a totalidade” (DAMATTA, 1997, p. 83).

Poderíamos tentar enxergar por outro ângulo referencial: o homem contemporâneo passou a ser, em vez de individualista, pluralista. Hall (1999, p. 57) diz que:

[...] o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades. Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente.

Nesse contexto, pouco vale buscar defender um lado da moeda. Estamos mais individualistas e mais pluralistas. E qual característica, exatamente, um conceito exclui do outro? Os opostos, na pós-modernidade, caminham juntos, pois tudo é uma questão de escolha. Se quiser a vaga de individualista, ela é sua; quer se firmar como um pluralista, tudo bem. Compre a indumentária que lhe cair melhor.

Seria então a perda do conceito de ‘lar’ uma consequência da vida pós-moderna? Marshall Berman (1986, p. 15) arrisca em poucas palavras:

Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, ‘tudo o que é sólido desmancha no ar’.

Novamente nos debatemos com a dicotomia tão presente nos conceitos de pós-modernidade. Dicotomias presentes por um simples motivo: não existe padrão. Como querer classificar em conceitos aquilo que traz, em sua própria razão de existir, a inexistência de rótulos e coordenadas. Da mesma forma que as cidades perderam, pouco a pouco, suas características inatas, o lar também despersonalizou-se. Não seria justo limitar a uma “consequência natural da pós-modernidade”, até porque ninguém se importaria com isso.

O fato é que o pós-moderno habita um espaço-tempo. Antigamente tínhamos casamentos que duravam uma vida inteira; trabalhadores que iniciavam e terminavam sua carreira em uma mesma empresa; consumidores fiéis às marcas de sua preferência... tudo isso mudou. O último “apego” do ser humano era o “Lar Doce Lar”. Era. Mais e mais pessoas optam por hotéis como moradia fixa. Não querem morar, querem estar. Pouco importa se o ser humano se tornou mais individualista ou mais pluralista, ele simplesmente repudia qualquer obrigação, qualquer amarra, qualquer vínculo.

Para facilitar essa percepção, um pequeno questionário contendo cinco perguntas diretas foi apresentado

a um grupo pré-definido de pessoas que já conheciam o termo “Não-lugares”. Pelas respostas, pode-se notar algo bem interessante. As mesmas pessoas que indicam o hotel como o grande exemplo de não-lugar e dizem ter em sua moradia o local de maior intimidade, já moraram, moram ou pensam na possibilidade de morar em um *apart*-hotel.

Dentre as sete pessoas que responderam o questionário (Apêndice A), todas, sem exceção, referem-se aos hotéis como um lugar transitório, uma opção para quem está longe de casa. Entretanto, uma delas mora, atualmente, em um segmento desse gênero; uma já morou e afirma que voltaria caso o preço fosse mais acessível; duas afirmam categoricamente que habitariam – sendo que uma delas confessa já ter buscado informações sobre localização e custo –; duas relatam não ter opinião formada; e apenas uma garante que não moraria em um hotel.

O pós-moderno admite, então, o não-lugar como referência de lugar? Para termos uma visão mais especializada sobre a temática, Raquel Lima, doutoranda em Antropologia pela Universidade de Brasília, foi convidada a discorrer sobre a pós-modernidade e a opção dos indivíduos por residirem em hotéis. Seu texto é apresentado no Anexo A deste artigo e ratifica a argumentação aqui abordada. Raquel faz uso de importantes antropólogos e sociólogos para fundamentar seu texto e nos apresenta, de forma simples e concisa, as mudanças comportamentais que nos vêm acontecendo no que diz respeito ao conceito de moradia.

É deveras interessante a forma como a antropóloga agrega aos valores já abordados nesse trabalho o conceito de tecnologia. O tempo, a velocidade, o estilo de vida, tudo sofre constantes mutações decorrentes das tecnologias e da necessidade – e vontade – do humano de se adaptar a elas. Nesse plano de fundo, a autora também nos apresenta a realidade da globalização; o mundo está conectado e o fuso horário praticamente perde sua característica fundamental de separar, por horas, os habitantes de diferentes países.

## 7 Considerações finais

A pós-modernidade vem se tornando um “termo-gaveta”, ou seja, um termo que atrai para si variadas possibilidades e contextos, impregnando-se de significados. Mesmo assim, é difícil qualificar a pós-modernidade. Mu-

danças são visíveis nos mais diversos setores, porém não se sabe ao certo ao que se vê; não há definições tangíveis. Temos a “nebulosidade” como uma forte característica. Umberto Eco, escritor, filósofo, linguísta e importante professor de Semiótica da Universidade de Bolonha, traz esse fascínio pela nebulosidade, dentre outros ensaios, em seu romance *A Misteriosa Chama da Rainha Loana*: “A névoa chega sobre pequenas patas de gato... Era uma névoa que parecia que tinham sumido com o mundo”. Continua mais à frente: “A névoa pulula de formas humanas, fervilha de uma vida intensa e misteriosa”. Importante ressaltar que, em toda a sua obra, ele menciona “a névoa” de forma conotativa, mais representando um estado de espírito que um estado da natureza (ECO, 2005, p. 10).

É difícil enquadrar o momento atual. Nas relações humanas, as identidades são balizadas pela incerteza. Para entender o que as pessoas pensam a respeito do assunto abordado neste trabalho, um pequeno questionário composto por cinco questões abertas foi aplicado a um grupo pré-selecionado, formado por indivíduos que possivelmente conheceriam o tema. Ao todo, onze pessoas foram abordadas individualmente. Antes de iniciar o interrogatório, o entrevistador perguntou a cada uma se elas conheciam o conceito de “não-lugar”. Em caso de respostas negativas, o mesmo agradecia a iniciativa em participar do projeto, mas o conhecimento sobre o termo era imprescindível para a realização. Sete pessoas disseram “sim” à questão inicial, e com essas o questionário foi aplicado. As respostas encontram-se no Apêndice A.

O mais interessante no resultado é notar o quanto os conceitos de pós-modernidade e não-lugar estão penetrados nos indivíduos, a ponto de não representarem fatores de distinção na linha natural de pensamento. Explico-me: em um dos casos – K.C. –, a pessoa conceitua Lugares como “espaços pessoais”; Não-lugares como “espaços comuns a qualquer pessoa”; considera sua casa como seu refúgio (s.i.c) e hotéis como uma opção para quem está longe de casa. Até ai tudo bem. O intrigante é que essa mesma pessoa mora em um *apart*-hotel. Com isso, vemos a completa distinção que a entrevistada traz para a dualidade Casa/Hotel. Quando está fora de sua cidade, o hotel é um não-lugar; quando está em sua casa – mesmo sendo em um hotel –, considera o ambiente como “seu refúgio”, “um ambiente pessoal”.

Outro caso – R.M. – distinguiu Lugares de Não-lugares como sendo “ambientes familiares”, e inclusive

citou “hotéis” como exemplo de não-lugares. Em seguida, disse que o hotel é “uma espécie de casa para turistas”. Quando interrogado se moraria em um hotel, a resposta foi positiva. Cruzando suas respostas, poderíamos deduzir que ele se sentiria um turista dentro de sua própria casa, caso opte pela opção de moradia sugerida, e que esta jamais seria um ambiente familiar ou se enquadraria no conceito de Lugar. Mas a verdade é que o entrevistado simplesmente enxerga um hotel como tal enquanto o utiliza para fins turísticos; a partir do ponto que se torna um morador, o “não-lugar” se torna “lugar”.

Podemos avaliar diversos casos, como o de F.S., que define o hotel como um “abrigo temporário” e a casa como “a maior representação do ‘seu’ lugar”, porém já considerou morar em um e ainda afirma que é uma opção futura. Ou C.B., que considera a casa como “local de maior intimidade” e o hotel como “local temporário para quem viaja”, e mesmo assim já residiu por quatro anos em um hotel e ainda considera a alternativa de voltar a morar nesse tipo de residência.

Outro ponto interessante é notar que todos os entrevistados referem-se, de alguma forma, a não-lugares como pontos de referência quando estão em outras cidades – shoppings, centros comerciais, edifícios, praças etc. Os “não-lugares” se tornaram os “lugares” da pós-modernidade? São eles os representantes da “personalidade” do nosso mundo atual? Durante todo este trabalho, pudemos verificar que de fato as pessoas não querem mais rótulos. O não-lugar perdeu seu posto de espaço agregador das massas; o mundo, como um todo, já é capaz de tal habilidade.

A casa despersonalizou-se, assim como todos os espaços, mas a maior despersonalização acontece nas relações. Nada vai além do “agora”. Não há vínculo, não há amarras, nada se prende. Tudo se conecta. Tudo dura exatamente o quanto se deve durar: o instante. A verdade é que o pós-moderno avalia as situações como se apresentam naquele momento, e não engessadas por conceitos formados. É a era do simulacro. A era dos “Cegos que vêem, Cegos, que vendo, não vêem” (SARAMAGO, 1995, p. 310).

### Referências

- AUGÉ, Marc. *Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Trad. Maria Lúcia Pereira. Campinas, SP: Papirus, 1994.
- AUGÉ, Marc. *O sentido dos outros: atualidade da antropologia*. Trad. Francisco da Rocha Filho. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- BENEVOLO, Leonardo. *História da Arquitetura Moderna*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Trad. Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioruatti. São Paulo: Companhia das letras, 1986.
- CANDIDO, Índio; VIEIRA, Elenara. *Gestão de Hotéis: técnicas, operações e serviços*. Caxias do Sul: EDUCS, 2003.
- CASTELLI, Geraldo. *Hospitalidade: na perspectiva da gastronomia e da hotelaria*. São Paulo: Saraiva, 2005.
- CEJKA, Jan. *Tendências de la arquitectura contemporânea*. Barcelona: Rubí, 1999.
- DAMATTA, Roberto. *A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DIAS, Cristiane. *Habitar o não-lugar*. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&ediacao=25&id=289>>. Acesso em: 09 out. 2011.
- ECO, Umberto. *A misteriosa chama da rainha Loana*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- FRAMPTON, Kenneth. *História crítica da arquitetura moderna*. São Paulo: M. Fontes, 1997.
- GHIRARDO, Diane Yvonne. *Arquitetura contemporânea: uma história concisa*. Trad. Maria Beatriz de Medina. São Paulo: M. Fontes, 2002.
- GRINOVER, Lucio. *A Hospitalidade, a Cidade e o Turismo*. São Paulo: Aleph, 2007.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. v.1.
- JAMESON, Fredric. *Pós-modernidade e sociedade de consumo*. São Paulo, nº12, jun. 1985.
- JAMESON, Frederic. *Pós-modernismo: lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 1997.
- MARTINS, Paulo Henrique. A Sociologia de Marcel Mauss: dádiva, simbolismo e associação. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, v. 73, p. 45-66, dez. 2005.

MONTANER, Josep Maria. *Depois do movimento moderno: Arquitetura da segunda metade do século XX*. Barcelona: Gustavo Gili, 2001.

SANTOS, José Lázaro de Carvalho. *Reflexões por um conceito contemporâneo de urbanismo*. Disponível em: <[http://sburbanismo.vilabol.uol.com.br/reflexoes\\_urbanismo.htm](http://sburbanismo.vilabol.uol.com.br/reflexoes_urbanismo.htm)>. Acesso em: 21 set.2011.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a Cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina*. 4. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

VIEIRA, Cesar. *Individualismo e Sociedade*. Disponível em: <<http://www.unimep.br/~crvieira/individualismo-sociedade.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2011.